

FACES FILOSÓFICAS DE “O ESPELHO” DE J. G. ROSA

PHILOSOPHICAL FACES OF “THE MIRROR” BY JOÃO GUIMARÃES ROSA

*Luiz Rohden**

RESUMO: A hipótese que procuraremos explicitar, justificar e fundamentar neste artigo é a de que os escritos de João Guimarães Rosa são tramados por fios filosóficos a tal ponto que, neles, não raramente, os limites entre filosofia e literatura esvaem-se. Seus contos são filosóficos na medida em que sempre dão o que pensar, lançam perguntas e escavam as potencialidades e as profundezas da alma humana, o que o conto “O espelho” reflete paradigmaticamente.

PALAVRAS-CHAVE: espelho, hermenêutica, narração, experiência, existência.

ABSTRACT: The hypothesis this article intends to discuss and justify is that the writings of João Guimarães Rosa are woven by philosophical threads in such a way that often the boundaries between philosophy and literature vanish. His short stories are philosophical in that they always provide food for thought, raise questions and explore the potentials and depths of the human soul. This is paradigmatically reflected in the short story, “The mirror”.

KEY WORDS: mirror, hermeneutics, narrative, experience, existence.

* Professor de Filosofia do Curso e do PPGFilosofia da UNISINOS (São Leopoldo – RS). Autor dos livros “Hermenêutica Filosófica”. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002; “Interfaces da Hermenêutica: método, ética e literatura”. Caxias: UCS, 2008 e editor da Revista *Filosofia Unisinos*. E-mail: rohdn@unisinos.br. Fone 51 – 35895899.

FACES FILOSÓFICAS DE “O ESPELHO” DE J. G. ROSA

Você chegou a existir?

J. G. Rosa

Se sim, a ‘vida’ consiste nesta experiência extrema e séria; sua técnica – ou pelo menos parte – exigindo o consciente alijamento, o despojamento, de tudo o que obstrui o crescer da alma, o que a atulha e soterra?

J. G. Rosa

Contextualizando...

A obra de João Guimarães Rosa comporta, carrega e suporta um modo de filosofar, de tal maneira, mineira, que os horizontes entre a filosofia e a literatura parecem, por vezes, diluírem-se. Mais que isso, penso que a maior parte de seus contos são filosóficos à medida que dão *o que pensar* por lançarem perguntas, por escavarem as profundezas da alma humana e não se contentarem com respostas – que são, muitas vezes, uma maldição para nosso viver! Ora, o conto “O espelho” espelha, exemplarmente, a face intuitivo-filosófica de Rosa. A fim de compreendermos com mais acuidade o filosófico em Rosa contextualizaremos, no primeiro momento, (1) o conto mencionado no conjunto de sua obra, o que implicará descrever as relações entre o escrever e o viver para o autor; junto disso apresentaremos razões da nossa opção [pelo conto] bem como situaremos sua obra no

conjunto do itinerário da filosofia. No segundo momento, apresentaremos alguns pressupostos para a compreensão filosófica do conto em questão para nos concentrarmos na explicitação de algumas das suas faces filosóficas mediante os conceitos filosóficos de *narração, experiência, existência*.

1. Sobre a obra, a escritura e a filosofia de João Guimarães Rosa

Ao falar sobre a grande responsabilidade do escritor, Guimarães Rosa – contrapondo-se à política – afirmou que “sua missão é muito mais importante: é o próprio homem” (LORENZ, 1983, p. 63). Escrevendo, dizia, “descubro sempre um novo pedaço de infinito”; enquanto escritor se retratou explicando que “gostaria de ser um crocodilo, porque amo os grandes rios, pois são profundos como a alma do homem. Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas profundezas são tranqüilos e escuros como os sofrimentos dos homens” (*Ibidem*, p. 72). A densidade filosófica da escritura de Rosa se deve ao fato de ter mergulhado e se movido nas profundezas da alma humana, pois, para ele, “o escritor, o bom escritor, é um arquiteto da alma” (*Ibidem*, p. 76)¹. Sua escritura² não apenas descreve a alma humana, mas, como na arquitetura, projeta e reflete um conjunto de possibilidades próprias dela em uma linguagem que nos interroga, nos instiga a responder e reprojeta a vida humana. Coerente com isso, sua escrita em 1ª pessoa e o “constante diálogo que os narradores estabelecem com seus interlocutores – fazem com que a narrativa de Guimarães nos mostre, insistentemente, a confluência de imagens, vozes e papéis na sua tessitura especular: local em que o autor, narrador, personagem e leitor se confundem nos ecos de suas imagens” (NETTO, 2000, p. 739).

Em carta a Curt Meyer-Clason, declarou os primados orientadores de sua criação literária: “todos os meus livros... são simples tentativas de rodear e devassar um pouquinho o mistério cósmico, esta coisa movente,

¹ Lembremos que o conto “O espelho” de Machado de Assis, tem como subtítulo, “esboço de uma nova teoria da alma humana”.

² *A literatura de Rosa carrega a concepção literária de M. Proust, para quem “... a literatura que se cifra a ‘descrever as coisas’, a fixar-lhes secamente as linhas e superfícies, é, apesar de denominar-se realista, a mais afastada da realidade, a que mais nos empobrece e entristece, pois corta bruscamente toda comunicação de nosso eu presente com o passado, do qual as coisas guardavam a essência, e com o futuro, onde elas nos incitam de novo a gozá-las. É isso que deve exprimir a arte digna de tal nome, e, não o conseguindo, dá-nos ainda, com sua impotência, uma lição (...), a saber, que essa essência é em parte subjetiva e incomunicável”, *O tempo redescoberto*. 10ª ed. São Paulo: Globo, 1990, p. 63.

impossível, perturbante, rebelde a qualquer lógica, que é a chamada *realidade*, que é a gente mesmo, o mundo, a vida” (ARROYO, 1984, p. 14). Na entrevista a Lorenz, Rosa confessou: “não deve haver nenhuma diferença entre homens e escritores; esta é apenas uma maldita invenção dos cientistas, que querem fazer deles duas pessoas totalmente distintas. Acho isso ridículo. A vida deve fazer justiça à obra, e a obra à vida. Um escritor que não se atém a esta regra não vale nada, nem como homem nem como escritor. Ele está face a face com o infinito e é responsável perante o homem e perante si mesmo” (LORENZ, 1983, p. 74)³.

Como escritor Rosa não tomou a linguagem como um objeto a ser analisado, dissecado e dominado, mas, ciente do poder que ela possui, retrabalhou-a como um ourives burila seus diamantes. Sua postura responsável para com a linguagem implica numa preocupação moral para com os destinos da alma humana. Nesta perspectiva assemelha-se à posição de Proust (1990, p. 168), ou seja, “o dever e a tarefa do escritor são as do tradutor”, um hermeneuta que traduz em palavras as impressões e as expressões da existência humana.

Outro modo de retratar a postura roseana é retomar seu lema “a linguagem e a vida são uma coisa só. Quem não fizer do idioma o espelho de sua personalidade não vive; e como a vida é uma corrente contínua, a linguagem também deve evoluir constantemente. Isso significa que, como escritor, devo me prestar contas de cada palavra e considerar cada palavra o tempo necessário até ela ser novamente vida” (LORENZ, 1983, p. 83)⁴. Postura que lembra W. Benjamin (1995, p. 268), para quem “o bom escritor não diz mais do que pensa (...) nunca diz mais do que pensou. Por isso, o seu escrito não reverte em favor dele mesmo, mas daquilo que quer dizer”. Isso nos recorda Dostoievski (1992, p. 100) ao afirmar “e o ato de anotar é de

³ Precede esta passagem a elucidativa afirmação de Rosa: “Sim, veja, penso desta forma: cada homem tem seu lugar no mundo e no tempo que lhe é concedido. Sua tarefa nunca é maior que sua capacidade para poder cumpri-la. Ela consiste em preencher seu lugar, em servir à verdade e aos homens. Conheço meu lugar e minha tarefa; muitos homens não conhecem ou chegam a fazê-lo, quando é demasiado tarde. Por isso tudo é muito simples para mim e só espero fazer justiça a esse lugar e a essa tarefa. Veja como o meu credo é simples. Mas quero ainda ressaltar que credo e poética são uma mesma coisa”.

⁴ A propósito, não por acaso encontramos em Quintana os seguintes versos que refletem, ao avesso, o conto de Rosa: “Não penses compreender a vida nos autores. / Nenhum disto é capaz. / Mas, à medida que vivendo fores, / Melhor os compreenderás”, M. Quintana, *Poesias*, SP: Globo, 1994, p. 123.

fato como que um trabalho. Dizem que o trabalho torna o homem bom e honesto. Bem, aí está pelo menos uma probabilidade favorável”. Para Rosa, “quem se sente responsável pela palavra ajuda o homem a vencer o mal” de modo que, para ele, a “legítima literatura deve ser vida. Não há nada de mais terrível que uma literatura de papel, pois acredito que a literatura só pode nascer da vida, que ela tem de ser a voz daquilo que eu chamo ‘compromisso do coração’. A literatura tem de ser vida! O escritor deve ser o que ele escreve” (LORENZ, 1983, p. 84). Por essa razão dizia “minha língua é a arma com a qual defendo a dignidade do homem” (*Ibidem*, p. 87). Sua lógica escriturística parte da premissa segundo a qual “a língua é o espelho da existência, mas também da alma” concluindo então que “somente renovando a língua é que se pode renovar o mundo. Devemos conservar o sentido da vida, devolver-lhe esse sentido, vivendo com a língua” (*Ibidem*, p. 88). Desse conjunto de confissões, podemos dizer que, para Rosa, o ato de escrever, além de implicar numa redescoberta, numa terapia e recriação da linguagem, configura uma tessitura onde se projetam e se reprojeta as possibilidades de existir da alma humana. A língua e eu, afirmou, “somos um casal de amantes que juntos procriam apaixonadamente, mas a quem até hoje foi negada a bênção eclesiástica e científica. Entretanto, como sou sertanejo, a falta de tais formalidades não me preocupa” (ARROYO, 1984, p. 21). Podemos dizer que sua obra atesta um compromisso responsável com o destino da alma humana.

Aqui nos limitaremos a desvendar algumas veredas filosóficas de *Primeiras Estórias* [=PE] que, como um todo, constitui o prosseguimento do ponto final do GS:V: “Existe é homem humano. Travessia”. De acordo com H. Vilhena, “o homem humano seria, neste caso, o detentor do livre-arbítrio: o ente que conhece os contrários, as diversas alternativas de ação e que pode escolher entre elas; o ente que lembra suas ações passadas e seus resultados e que conhece, que antecipa, os resultados possíveis de suas ações presentes e futuras. O homem humano é aquele que tem consciência do tempo: aquele que, na sua liberdade de escolha, introduzida pela razão, tem a capacidade de observar o curso dos acontecimentos e de mudá-la, para bem ou para mal, transformando o tempo em *história*” (ARAÚJO, 1998, p. 11-12)⁵. Se em GS:V, a afirmação “homem humano. Travessia” foi o pon-

⁵ E “*homem humano* deixado, assim, como um ponto final, na última frase de GSV, é o que G. Rosa vai estudar minuciosamente, na continuação de sua obra, em *Primeiras estórias*,

to final, ela agora é o ponto inicial e final que entrelaça os contos de *PE*. Em outras palavras, elas constituem, conjuntamente, a continuação do *GS:V*, assim como com a expulsão de Adão e Eva do paraíso temos as *primeiras histórias* da humanidade.

Não podemos aqui nos dedicar a apreciar e explicitar as faces filosóficas presentes em todos os contos de *PE*. Além da nossa opção pessoal por “O espelho”, recordamos que é próprio de G. Rosa colocar em suas coletâneas de contos, no centro, o texto que “define a perspectiva de onde olhar a obra. Em *Corpo de baile*, o conto ‘O recado do morro’ é o ponto de partida que agrupa ao seu redor os demais contos, que os estrutura, que os emparelha, que os balanceia, que define o tema, sempre complexo, que os unifica, formando um corpo orgânico”; ora, “O espelho” é o conto número 11 dos 21 contos ocupando o lugar central entre os contos de *PE* (ARAÚJO, 1998, p.19).

No todo, o conto escolhido para nossa inquirição, se constitui numa autêntica reflexão antropológica por refletir sobre o existir humano enquanto uma travessia que exige o despojamento “de tudo o que obstrui o crescer da alma”, de tudo aquilo que atulha e soterra-a. Entre o nada e o infinito n’ “O espelho”, “encontram-se o mito de Narciso, a conversão de São Paulo, uma experiência mítica do narrar e uma construção da noção de olhar” (LEITÃO, 2000, p. 150-1). Neste conto “a narrativa se inicia com um sinal matemático, o travessão que indica o nada, e termina com o sinal matemático de infinito, ou tudo” (ARROYO, 1984, p. 4), precedido pelo sinal de interrogação. Ele conta a experiência de travessia do narrador roseano entre o nada e o ser, entre ‘o nenhum e o cem mil’, entre seu eu e seu reflexo, até a apropriação da sua identidade em devir enquanto um ser entre Ulisses e Abraão.

Em quais veredas da filosofia trilha a obra de Rosa: Uma vez que nosso intuito é compreender algumas dimensões filosóficas da obra de Rosa, precisamos localizá-lo no itinerário da filosofia: de qual filosofia ele se afasta e de qual se aproxima e se alimenta? A propósito disso G. Lorenz perguntou-lhe: “Você tem alguma coisa contra os filósofos?” ao que respondeu: “Tenho. A filosofia é a maldição do idioma. Mata a poesia, desde que não venha de Kierkegaard ou Unamuno, mas então é metafísica”; na mesma entrevista afirmou: “a lógica, prezado amigo, é a força com a qual o homem

de que é o ponto inicial”, *ibidem*, p. 12.

algum dia haverá de se matar. Apenas superando a lógica é que se pode pensar com justiça” (LORENZ, 1983, p. 68 e p. 93).

Numa carta ao seu tradutor italiano de *Corpo de Baile*, Edoardo Bizzarri, Rosa “proclama que seus livros são, em essência, ‘antiintelectuais’, e ‘defendem ao altíssimo primado da intuição, da revelação, da inspiração, sobre o bruxulear presunçoso da inteligência reflexiva, da razão, a megera cartesiana” confessando então também: “quero ficar com Tao, com os Vedas e Upanixades, com os Evangelistas e São Paulo, com Platão, com Plotino, com Bergson, com Berdiaeff – com Cristo principalmente” (ARROYO, 1984, p. 5). Por exemplo, “os principais conceitos platônicos assinalados por Rosa, aparentemente, referem-se ao mito da caverna, ao conceito do amor que, decaído, perde suas asas e à crença na alma antes do nascimento e depois da morte” (SPERBER, 1976, p. 65). Jaspers, Dunne também estiveram presentes em sua obra⁶. Montaigne ocupa um lugar de destaque em seu projeto literário. O racionalismo cartesiano, que identifica a verdade com a certeza, com a pretensão de construir uma linguagem matemática, representa o que se opõe ao fenômeno da criação para João. Conforme L. Arroyo (1984, p. 15), “ordem, clareza e forma, tríptico do lema cartesiano, que existe na própria língua francesa e por isso mesmo prejudicou consideravelmente a tradução de *Corpo de Baile*, não subsiste na criação literária de João Guimarães Rosa, fundamentalmente orientada pela ‘intuição’, ‘revelação’ e ‘inspiração’”. Ao qualificar como megera a racionalidade cartesiana ele não reivindicou a eliminação do rigor e da exatidão lingüística, mas pôs em xeque sua pretensão de suprasumir, numa linguagem unívoca, a intuição, a metafísica e a metáfora.

Podemos dizer que a prosa de Rosa “é anticartesiana por excelência”: em sua biblioteca estavam “Plotino, Santo Agostinho, Kierkegaard, Miguel de Unamuno, Ocultismo, Numerologia, Cabala, os Evangelhos, o Evangelho popular do seu Sertão, Christian Science” (LEITÃO, 2000, p. 149). Na entrevista a G. Lorenz também declarou que “Unamuno poderia ter sido meu avô. Dele herdei minha fortuna: meu descontentamento. Unamuno era filósofo; sempre se equivocam, referindo-se a ele nesse sentido. Unamuno foi um poeta da alma; criou da linguagem a sua própria metafísica pessoal” (LORENZ, 1983, p. 68). Além dos filósofos mencionados, recordemos que

⁶ Carta a Vicente Ferreira in Cavalos Azul, n. 3, São Paulo: s/d ap. Sperber, S. F., *Caos e Cosmos: leituras de Guimarães Rosa*. São Paulo: Duas cidades, 1976, p. 15.

Heráclito⁷ e, mais recentemente, Hans-Georg Gadamer [principalmente quanto ao que este filósofo desenvolveu sobre o princípio da linguagem], entre muitos outros, podem ser colocados em sua estante sem prejuízo de sua obra.

Se partirmos das “possibilidades geradoras das metafísicas – sempre referidas à ‘Ordem’ ou à *idéia de uma ordem*” – defrontamo-nos com “uma das três alternativas: há uma Ordem no universo; não existe Ordem alguma no universo; ou: *uma ordem se elabora progressivamente*. A adoção da terceira destas três alternativas encontra-se na raiz de toda a reflexão moral do narrador: uma ordem, um mundo e um homem *in fieri*, fazendo-se “*em processo*”, em travessia; e “é esta inclinação ou opção pela Ordem *in fieri*, pelo *movimento, transformação orientada* e pela *metamorfose* do processo que, a nosso ver, constitui a verdadeira opção de Riobaldo-Rosa” (ANDRADE, 1974, p. 163-164). Não se trata de uma ordem necessária e fechada, mas, construída por seres finitos, que assumem seus traços de abertura, de liberdade, de contingência tecidos sempre em travessia. Daí que a história, para o filósofo Rosa, está em certa consonância com a concepção cíclica desenvolvida por G. B. Vico⁸ em oposição à concepção linear, progressiva, que se esgota no espírito absoluto.

Sobre a escolha do tema do espelho nas veredas da filosofia roseana

Como quase tudo, em Rosa, a escolha pelo tema do espelho, não foi por acaso. Sabemos que, “desde a Antigüidade, os espelhos fazem parte dos instrumentos divinatórios, participando de todas as espécies de rituais ligados à magia (...) há muitas superstições relativas à sombra e ao espelho, sendo a primeira um símbolo da alma e o segundo, o lugar de captura das almas

⁷ Arroyo, L., *op. cit.*, p. 5: “Na relação de valores, indicada por João Guimarães Rosa, ajusta-se a lição de Montaigne quanto à condição humana e sua tentativa de julgamentos nos ensaios intitulados ‘o bem e o mal só o são, as mais das vezes, pela idéia que deles temos’, ‘da loucura de opinar acerca do verdadeiro e do falso unicamente de acordo com a razão’ e ‘da incerteza de nossos juízos’. No primeiro ensaio lembra Montaigne antigo aforismo grego, segundo o qual ‘os homens atormentam-se com a idéia que têm das coisas e não com as coisas em si’. Eis aí como se coloca a inquietação riobaldiana no centro e no desenvolvimento da estória narrada no livro. É ele, Riobaldo, exemplo e ilustração para Montaigne, recuado no tempo há mais de quatro séculos”.

⁸ *Este foi o tema de dissertação desenvolvido por Rogério Mosimann da Silva “A *sabedoria poética* roseana: uma leitura de Guimarães Rosa à luz do pensamento de Giambattista Vico”, UFMG, 2003.

ou o objeto através do qual os mortos podem ser invocados. Segundo certas crenças, a imagem especular é perigosa, razão pela qual em casas com defunto cobrem-se os espelhos” (MELLO, 2000, p. 116).

De um lado, os espelhos não mentem! Só refletem o que vêem. Não vêem nem representam o sobrenatural, o que está além, o que está por trás das coisas por se regerem pelo princípio segundo o qual “as coisas de vidro não têm ‘aura’. O vidro é o inimigo por excelência do mistério” (BENJAMIN, 1980, p.197). No conto de M. de Assis lemos “o vidro reproduziu então a figura *integral...*”. Podemos dizer que os espelhos são ‘realistas’, e que, ao ampliarem os espaços físicos, aplicados à alma humana, têm o poder de alargar a própria compreensão do viver humano. Este é, talvez, um dos principais motivos pelos quais, ao longo da história da literatura, os espelhos receberam tratamentos tão diferenciados, mesmo que, diante deles, como Narciso, podemos ver só a nós mesmos e morrer. O problema é que Narciso, como o alferes de Assis, apenas viram a si mesmos no espelho e não tiveram coragem de ver quem, de fato, estava refletido no espelho. **Do outro lado**, os espelhos possibilitam desenvolver nossa imaginação, nossa criatividade e nos fazem refletir! Os espelhos, dando asas à nossa imaginação e, portanto, desenvolvendo a nossa criatividade, nos possibilitam viver sonhando e sonhar vivendo.

No conto de Rosa estão presentes estes dois lados do espelho que constituem, conjuntamente, uma imagem para ampliar os contornos da alma humana. Ampliação configurada por uma entrega e um distanciamento com relação ao espelho. A subjetividade é tecida, por um lado, pela verdade nua e crua e, por outro lado, pela imaginação, ou como começa o conto, uma experiência induzida, alternadamente, por séries de ‘raciocínios e intuições’.

2. Faces filosóficas espelhadas em “O Espelho”: narração, experiência, existência

Sobre alguns pressupostos para a compreensão filosófico-literária

Em primeiro lugar, a filosofia se interessa sobre os contos, as novelas, os dramas e a lírica não apenas por serem gêneros literários, ou a “elaboração literária de intenções artísticas, mas por serem como que vias de acesso a experiências humanas” (PUCCIARELLI, 1976, p. 38). As experiências humanas – do amor, da morte, do ódio, da liberdade... –, constituem um pátio onde

o filósofo e o literato se encontram. Ambos, ao dizerem ou escreverem, de uma ou outra forma, direta ou indiretamente, tentam buscar palavras para expressar suas experiências com relação à realidade que os rodeia, que os precede ou que os move a explicitá-las. Desse modo esboroa-se a tese segundo a qual à literatura caberia apenas se ocupar com a forma de expor os conceitos ao passo que estes seriam o objeto próprio da filosofia.

Em segundo lugar, a linguagem poético-filosófica, diferente da ciência moderna, ao dizer algo, “não remete para outra coisa que existe em alguma parte, como a garantia que a nota de dinheiro tem no banco”. Esse saber poético-filosófico, enquanto um incessante “diálogo da alma consigo mesma”, revela outro fio comum entre o poeta e o filósofo, isto é, “nem na filosofia nem na arte há progresso. Em ambos, e frente a ambos, se trata de outra coisa: ganhar participação” (GADAMER, 1996, p. 201). O conto “O espelho” – preocupado em desvelar o aparente e o essencial entrecruzados –, é um autêntico ensaio filosófico (GARCIA, 2000, p. 128), à medida que leva o leitor, não apenas a ampliar suas informações sobre os reflexos do espelho, mas convida-o a participar nele e a refletir sobre os degraus do seu ser.

Outro pressuposto comum à filosofia enquanto hermenêutica e à literatura é o que Ricoeur chamou de “a semântica do ‘mostrado-escondido’, das expressões de duplo ou múltiplo sentido” que necessitam ser interpretadas. Ora, “porque o ‘símbolo dá que pensar’, enquanto doação primeira de sentido – mostrando (na sua opacidade) uma certa situação existencial – e enquanto exigência de contínuo recomeço na dimensão do pensar; a interpretação será o trabalho de pensamento que decifra o sentido latente no sentido patente, sendo nela também que se torna manifesta a pluralidade dos sentidos” (COSTA, 1988, p. IV). Partindo do fato humano que ‘se diz de diferentes modos’ – ambíguo, contingente, frágil, divino... – a construção do seu discurso [literário e ou filosófico] terá os mesmos matizes e, portanto, pedirá sempre por interpretações. Não havendo discurso unívoco, há diferentes interpretações sobre o ser de modo que elas não podem ser examinadas unicamente sob o prisma estruturalístico ou semântico. No diálogo com o texto nos emancipamos com relação aos determinismos e às dependências em que nos encontramos, assim como projetamos nele novas possibilidades de viver. Nessa dialética de pertença e de distanciamento, com relação ao nosso entorno e a nós mesmos, é possível reprojeter nosso viver.

O pressuposto compreensivo do conto de Rosa que iluminará nossos passos é a concepção ricoeuriana de interpretação: “*é o trabalho de pensamento*

que consiste em decifrar o sentido escondido no sentido aparente, em desdobrar os níveis de significação implicados na significação literal” (RICOEUR, 1988, p. 14). Decifrar não enquanto extrair, decodificar, mas instaurar os múltiplos sentidos contados em “O espelho”. Não é nosso intuito extrair, do conto em questão, frases ou conceitos filosóficos, mas desvelar, explicitar e procurar sistematizar suas potencialidades filosóficas. Essa vereda filosófica longa – que passa pela literatura – embora mais tortuosa e demorada, é mais rica que aquela que leva à construção de sistemas literário-filosóficos absolutos e assépticos. Vejamos os espelhamentos filosóficos produzidos diante de “O espelho” mediante os temas filosóficos da *narração*, da *experiência* aglutinados em torno do *existir* humano.

“– Se quer seguir-me, narro-lhe...”

A arte de narrar, de acordo com W. Benjamin (1980, p. 57), parece que “caminha para o fim. Torna-se cada vez mais raro o encontro com pessoas que sabem narrar alguma coisa direito (...). É como se uma faculdade, que nos parecia inalienável, a mais garantida entre as coisas seguras, fosse-nos retirada. Ou seja: a de trocar experiências”. Hoje, assolados e con-formados por milhões de informações, [enquanto conhecimento elas são verificáveis, próximas, fáceis de apreender] facilmente somos levados a desdenhar as narrativas, [que, enquanto saber, são vivenciáveis e provenientes de outros distantes] as quais, como **experiências**, exigem mais nossa atenção e envolvimento para serem compreendidas. Diferente da informação que se esgota num tempo e espaço determinados, “com a narrativa é diferente: ela não se exaure. Conserva coesa a sua força e é capaz de desdobramento mesmo depois de passado muito tempo” continuando a provocar espanto e reflexão (*Ibidem*, p. 62).

Não é por acaso que Rosa inicia o conto em questão com as palavras “se quer seguir-me, narro-lhe...” onde percebemos entrelaçadas “a cadeia mítica entre narrar e ouvir...” (LEITÃO, 2000, p. 151). Se nossa época parece não valorizar as narrativas, conseqüentemente parece menosprezar o “dom de escutar e desaparece a comunidade dos que escutam. Narrar histórias é sempre a arte de as continuar contando e esta se perde quando as histórias já não são mais retidas”; e “quem ouve uma história está na companhia do narrador; mesmo quem lê, participa dessa companhia” (BENJAMIN, 1980, p. 62 e p. 68). Ao enfatizar a narrativa, minimizamos a ‘tirania do

olhar ocidental, enquanto uma atitude tipicamente intencional, diretiva, unilateral, e maximizamos o ouvir enquanto uma postura de atenção, de acolhimento e de abertura.

Sherazade, para não morrer, narrava histórias ao sultão que, acolhendo-as, poupou-a da morte instituindo a narração como um dos modos humanos de (sobre)viver: “Por que se narra? Desde Sherazade, narra-se para não se morrer. Na verdade, só a narrativa resiste, mesmo após o silêncio dos narradores” (SCHÜLER, 2000, p. 60). Aliás, não temos outra forma de saber quem somos [individual ou coletivamente] senão narrando e nos esforçando para redescobrir nosso tempo passado amalgamado com nosso presente e futuro. Sherazade ensinou-nos que narrar é uma das possibilidades de viver escapando da morte.

Uma dimensão própria da narração revela-se no narrador roseano que nos chama para dentro do texto, como atestam suas expressões: ‘se quer seguir-me’, ‘narro-lhe’, ‘o senhor, por exemplo’, ‘não se esqueça’, ‘e os próprios olhos, de cada um de nós’, ‘duvide deles’, ‘ah, meu amigo’, ‘perdoe-me, o senhor’, ‘lembre-se’, ‘ouça’, ‘se quiser, infira o senhor mesmo’, ‘você, chegou a existir?’, ‘se me permite, espero, agora sua opinião, mesma, do senhor, sobre tanto assunto. Solicito os reparos que se digne dar-me, a mim, servo do senhor, recente amigo, mas companheiro no amor da ciência, de seus transviados acertos e de seus esbarros titubeados. Sim?’, etc... Diante destes reiterados convites que tecem o conto, percebemos que não estamos ante um discurso neutro, objetivo, artificial, asséptico e distante. A narração roseana – que evoca a linguagem ensaística de M. de Montaigne –, é tecida pelos constantes convites para que nós, leitores, tomemos parte nela. Ao participarmos na narrativa refletimos sobre nossas vidas e somos levados a tirar nossas conclusões pessoais. Isso é possível graças ao pressuposto filosófico-existencial da narrativa roseana que “não pretende transmitir o puro ‘em si’ da coisa, como uma informação ou um relatório”, mas “mergulha a coisa na vida de quem relata, a fim de extraí-la outra vez dela” (BENJAMIN, 1980, p. 62-63). Por trilhar as veredas narrativas, a obra de Rosa é avessa à abstração, “a todo o ‘racional’ e ‘intelectual’”, de modo que “a ética e mesmo a metafísica do narrador e seu autor serão sempre fundadas *no vivido*, numa concepção geral do universo e do homem simultaneamente ‘experimentada’ e verbalizada ao longo da narrativa” (ANDRADE, 1974, p. 163). O tendão de Aquiles da pretensão de tocar e transmitir o ‘em si’ das coisas, em conceitos universais, reside na tentativa de eliminar o tempo, o

vir-a-ser da linguagem. Ora, é justamente com o fio do tempo, na forma de experiência, que a linguagem narrativa é constituída.

Tempo e narrativa são indissociáveis assim como o uno e o múltiplo, como o *yan* e *yen!* Ricoeur tematizou essa conjunção na sua argumentação sobre a constituição dialética da identidade humana. Para ele, esta se configura como uma dialética entre *mesmidade* enquanto “a permanência de uma substância imutável que o tempo não afeta” ou identidade *idem* e *ipseidade* enquanto aquilo que muda no tempo ou identidade *ipse* (RICOEUR, 1996, p. 177). Estamos diante de uma dialética sem fim, uma viagem no espelho marcada pela “busca constante de identidade existencial e metafísica, esse *salto mortale* na busca da resposta: **Você chegou a existir?**” (GARCIA, 2000, p. 130), enquanto a experiência humana por excelência!⁹

“... narro-lhe; não uma aventura, mas experiência...”

O narrador nos narra não uma aventura, um desvario, uma alucinação ou uma elucubração intelectual, mas uma experiência que é um saber constituído por raciocínio, vivência, argumentação teórica e intuição. A experiência é um dos temas mais caros à filosofia do século XX, tanto que O. Marquard (1995, p. 8) pôde afirmar: “experiência sem filosofia é cega; a filosofia sem experiência é vazia: não se pode ter realmente filosofia sem ter a experiência em relação à qual ela é a resposta”. Mais que mero conhecimento, enquanto resultado do acúmulo de informações – que não afeta existencialmente o sujeito cognoscente –, a experiência, enquanto um saber auto-implicativo “muda o sujeito mesmo e produz uma mudança de atitude” (TEICHERT, 1991, p. 120).

O tema da experiência é também um dos mais caros à hermenêutica filosófica de Gadamer, para quem:

a experiência não mais aparece primariamente como um processo de apropriação cumulativa assegurada metodicamente de conclusões, que são meios para

⁹ *Assim, “o narrador entra na categoria dos professores e dos sábios. Ele dá conselho – não como o provérbio: para alguns casos – mas como o sábio: para muitos. Pois lhe é dado recorrer a toda uma vida. (Uma vida, aliás, que abarca não só a própria experiência, mas também a dos outros. Àquilo que é mais próprio do narrador acrescenta-se também o que ele aprendeu ouvindo). Seu talento consiste em saber narrar sua vida: sua dignidade em narrá-la *inteira*. O narrador é o homem que poderia deixar a mecha de sua vida consumir-se inteiramente no fogo brando de sua narrativa”, Benjamin, W., “O narrador”, p. 74.

o possível domínio de uma ordem objetiva refletida nela. Experiência (...) é definida aqui como uma coisa que precede o processo metódico de armazenamento de conhecimento científico, e como um fator emergindo da e revertendo na vida prática que, como um modo de tal vida prática, pode até mesmo dar diretivas à cognição empírica do tipo objetivo (...) a ocorrência da experiência hermenêutica tem a estrutura de uma performance prática acontecendo como uma unidade de ação-projeto e reflexão crítica dentro do limite do agente. Experiência, aqui, não é tanto um processo de acumulação de conhecimento objetivo, mas, ao invés, a história descritível biograficamente de uma educação (BUCK, 1981, p. 31-32).

Podemos falar da experiência em duplo sentido: por um lado, integramos e confirmamos experiências de outros em nossas expectativas e, por outro lado, fazemos experiências. Esta, por sua vez, é a verdadeira experiência, que é sempre negativa. Ao fazermos “experiência com um objeto, isto quer dizer que até agora não havíamos visto corretamente as coisas e que é agora que por fim nos damos conta de como são. O objeto em questão não pode ser qualquer um, mas tem que ser tal que com ele possa ascender-se a um saber melhor” sobre ele e sobre o que se acreditava saber antes (GADAMER, 1997, p. 521-522).

O narrador de “O espelho” narra-nos sua experiência de olhar a vida humana. O narrador roseano nos lega a experiência¹⁰ “do aprendizado do

¹⁰ * “A cotação da experiência baixou, e precisamente numa geração de 1914 a 1918 viveu uma das experiências mais monstruosas da História universal. Talvez isso não seja tão estranho como parece. Já não se podia constatar, naquela época, que as pessoas voltavam mudas do campo de batalha? Não voltavam enriquecidas, senão mais pobres em experiência comunicável... Pois jamais houve experiências tão desmoralizadas como as estratégicas pela guerra de trincheiras, as econômicas pela inflação, as físicas pela fome, as morais pelos donos do poder... Uma miséria totalmente nova se abateu sobre o homem com esse desenvolvimento monstruoso da técnica. E o reverso dessa miséria é a sufocante riqueza de idéias que se difundiu entre as pessoas ou, melhor ainda, se abateu sobre elas...”, Benjamin, W., “Experiência e pobreza”, p. 195. Essa pobreza de experiência faz parte de uma pobreza de toda a humanidade, ou seja, expressa a pobreza desta de um modo geral. “Pois o que traz ao bárbaro a pobreza de experiência? Ela o leva a começar do começo; a começar de novo; a saber se virar com pouco; a saber construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda”, ao modo de Descartes cf. W. Benjamin, “Experiência e pobreza”, p. 196.

olhar com amor e de descoberta (...) com respaldo na realidade de crenças e credences sobre espelhos e ciências corriqueiras, nestas incluídas, por contraste o duvidar cartesiano dos sentidos, a narrativa de o conto “O Espelho” apresenta-se como um ritual que encena, diante de ouvintes e leitores, experimentos com a fronteira opaca que medeia o transcendente e o concreto” (LEITÃO, C. C., 2000, p. 151).

H. Vilhena relacionou a experiência do olhar do personagem roseano com o mito de Narciso. Neste, “o *olhar...* ‘ver-se a si mesmo’ do reflexo, da reflexão (...) da consciência” está relacionado com a morte e com o amor: Narciso “não se dando conta de que via sua própria imagem, apaixona-se por si mesmo e *morre de amor* à beira da fonte” (ARAÚJO, 1999, p. 20-2). Tirésias vaticinara que ele atingiria idade avançada se não olhasse para sua própria imagem. Sua metamorfose em flor, no final da narrativa, representa, pois, uma regressão: a volta do homem ao estado vegetal, ao mundo fechado em si, inconsciente, não reflexivo, não significado, dos animais e dos vegetais – ao mundo sem dentro e fora, ao mundo não-humano” (*Ibidem*, p. 24.)¹¹. Já o narrador d’“O espelho” “teme a própria imagem, odeia a figura própria e duvida de sua realidade, de sua corporeidade: ‘os olhos, por enquanto, são a porta do engano (...) logo descobri (...) era eu, mesmo’” (*Ibidem*, p. 24-25). Na experiência do olhar que realizou, não morreu, mas viveu de tal modo que, no final ainda nos pergunta “você chegou a existir?”. Faz isso porque não se satisfaz com sua imagem [ou com a imagem que os outros fizeram dele] e pôs-se à procura do que estava do outro lado da imagem. Enquanto que “Narciso fechara-se no silêncio da vida vegetativa; nosso herói abre-se na narração de sua experiência, transmite-a por meio das *palavras*, do contar: ‘desde aí, comecei a procurar-me... frio’” (*Ibidem*, p. 25). No conto, acompanhamos o narrador que, aos poucos, vai se vendo, se conhecendo, experienciando o sofrimento, o amor; aos poucos a forma animal de onça dá a forma humana do rosto de um menino: ‘e... sim, vi, a mim mesmo, de novo.. Na última visão do narrador roseano revela-se “a experiência do sofrimento e do amor – a *vida* – a *luz* e o *nascimento de um menino*. Que visão é esta? Quem é este ‘eu por detrás de mim’? Que alma é esta? (...) ‘se sim, a ‘vida’ consiste em experiência extrema e séria (...) ‘você chegou a existir?’” (*Ibidem*, p. 26). Nesta

¹¹ O alferes só via a si mesmo e por isso não existiu.

concepção de vida, “experiência extrema e séria”, espelha-se “o pendur metafísico da literatura de Guimarães Rosa, este, por sua vez, de caráter afirmativo” para quem “o texto se afirma como uma experiência de transformação, de aprendizagem” (BOECHAT, 2000, p. 421).

No conto de Rosa o personagem não oscila nem opta, ao final, simplesmente por uma ou outra concepção de alma. Trata-se de uma metafísica inserida na contingência e na facticidade do mundo, “daí a concepção do mundo como ‘intersecção de planos – onde se completam de fazer as almas’, cabendo, assim, a cada um, atribuir o Maior sentido à sua vida e responder, no balanço final do trapézio, se ‘chegou a existir’” (*Ibidem*, p. 422). Esta é a experiência explicada pelo olhar que o narrador nos oferece ao longo das páginas d’ “O espelho”. A experiência do olhar transformou e alargou o saber do narrador e, portanto, sua concepção de vida e, conseqüentemente, sua ação no mundo. Por isso, “quando se fez uma experiência, quer dizer que se a possui (...) a consciência que experimenta se inverte: se volta sobre si mesma. O que experimenta se torna consciente de sua experiência...” (GADAMER, 1997, p. 522).

A experiência, além de ser uma experiência de negação é uma experiência da finitude humana: “é experimentado, no autêntico sentido da palavra, aquele que é consciente desta limitação, aquele que sabe que não é senhor nem do tempo nem do futuro; pois o homem experimentado reconhece os limites de toda previsão e a insegurança de todo plano” (*Ibidem*, p. 527). A sabedoria grega expressada pelas palavras ‘conhece-te a ti mesmo’ sempre nos convida a lembrar e a reconhecer que não somos deuses, mas humanos. O auto-conhecimento “não é, em todo caso a transparência plena do saber, mas a percepção de precisar aceitar os limites postos a seres finitos” (GADAMER, 1997, p. 246-7), portanto, da nossa condição de seres tecidos pelo tempo e, logo, históricos. Narciso, assim como o Alferes de Assis, não ‘dando conta’ do [seu] tempo, suprimiram-no e por isso sumiram-se. Já o narrador roseano, assumindo o [seu] tempo, pôde experimentar o movimento de sua identidade configurada pela mesmidade e pela diferença e permanece vivo ainda hoje como modelo de ser humano realizado e feliz.

Uma pessoa experiente é uma pessoa aberta, “o homem experimentado é sempre o mais radicalmente não dogmático”: aberto ao mundo, aos outros, ao não-dito, ao seu eu desconhecido; ao invés sossegar-se em aforismos ou repetir fórmulas prontas, ele, não sabendo, quer saber e

pergunta...se

“... Você chegou a existir?...”

O narrador roseano, após nos narrar sua experiência de travessia, de confronto consigo mesmo pela experiência do olhar, nos interpela: “você chegou a existir?”. Esta pergunta constitui o fio condutor do conto de Rosa. Pergunta que é preparada e precedida por outra pergunta: “Se sim, a ‘vida’ consiste nesta experiência extrema e séria; sua técnica – ou pelo menos parte – exigindo o consciente alijamento, o despojamento, de tudo o que obstrui o crescer da alma, o que a atulha e soterra?”. Sim. Ou seja, podemos dizer que, filosofar ou fazer literatura, ou até cantar, nada mais é que ‘pelear com a morte’^{12*}, ‘lapidar a alma’^{13**}, para desobstruir tudo que atrapalha e atulha seu crescimento. Em algum momento da vida, precisamos responder à pergunta ‘você chegou a existir?’ A partir disso, como vimos e veremos, podemos dizer, num certo sentido, que a filosofia que perpassa e transpassa boa parte da obra de Rosa é de cunho existencialista.

Com isto compreendemos o arco que vai da afirmação inicial do conto “O Espelho” “se quer seguir-me, narro-lhe; não uma aventura qualquer, mas uma experiência...” até a interrogação final “você chegou a existir?”. A experiência, ‘extrema e séria’, que o narrador nos narra é a do viver [dele e nosso]. Ler, assim, o conto, significa experienciá-lo, o que implica desenvolver um saber que exige o consciente alijamento, o despojamento de tudo o que obstrui o crescer da alma’.

A hermenêutica, enquanto um modo de saber auto-implicativo, não se reduz a ‘compreender-algo-como-algo’, mas implica um concomitante “compreender-se-rumo-a-algo, essa futuridade que somos, o caráter de projeto para o qual vivemos” (GADAMER, 1996, p.186). Compreender algo-como-algo apenas, tal como pretendem as ciências, redundaria num dissecamento do texto, que não foi escrito para esta finalidade.

O conto em questão parte de uma hipótese expressada pela partícula ‘SE’ e conclui de forma inconclusa com a pergunta-afirmativa ‘SIM’; inicia com o símbolo do travessão que indica nada e conclui com o símbolo do infinito declarando que não oferece resposta, mas uma pergunta. Vemos

^{12*}Vitor Ramil, ver letra da música “Causo farrapo”, a vida como uma luta com morte.

^{13**}Milton Nascimento, ver letra da música “Ânima”, a vida como um ‘lapidar a alma’.

assim uma trama que pede ao leitor para entrar nela a fim de compreender-se, não apenas a partir do passado nem preso ao presente, mas também em função do futuro que é sempre. Essa entrada no texto roseano faz parte do próprio processo autenticamente compreensivo. Não é possível analisar “O Espelho” como se fosse um objeto a ser dissecado [ou uma pedra a ser decomposta] seja porque sempre estamos implicados no ato de conhecer, seja porque ele, enquanto narração de uma experiência extrema e séria da vida, é um retrato de nosso existir. Compreendê-lo implica depor nossas armas de domínio e de controle sobre o conto e nos entregarmos ao seu movimento, para conhecermos a nós mesmos, enquanto um projeto onde quem ‘perde’ sua vida acaba por ‘ganhá-la’.

Não sabemos quem somos compondo um mosaico com sentenças do tipo: ‘animal racional’, ‘cogito’, ‘feixe de relações’, etc... Mas, saber quem somos, ou seja, se existimos de fato, requer acessar “à existência e à compreensão de si que passa obrigatoriamente por uma elucidação semântica organizada em torno das significações simbólicas” (COSTA apud RICOEUR, 1988, p. I). No conto em questão o espelho serviu de mediação e de explicitação de constituição da identidade do narrador. Dessa maneira a consciência humana, irreduzível a um conceito ou a um dado, “torna-se uma tarefa. A reflexão não é intuição, daí que a posição do ego deva ser reapropriada através dos seus actos, como superação de uma separação, de um esquecimento, que é a sua situação inicial” (*Ibidem*, p. VI).

Ao lermos uma carta ou um texto científico, normalmente sabemos quais foram as perguntas que motivaram sua redação. Este modelo de pergunta e de resposta configurado num texto caracteriza o conhecimento tanto da ciência quanto da vida prática. Contudo, nos textos literário-filosóficos, tanto as perguntas quanto as respostas, não são nem únicas nem definitivas. As muitas perguntas e dicas de respostas que Rosa nos oferece neste conto, não são definitivas, mas nos levam a refletir sobre quem somos e como vivemos. Isto implica num alargamento do ato de ler – irreduzível à decifração de letras – “que volta a fazer falar a língua fixada por escrito” de modo que com isso “se ganha um conceito amplíssimo de literatura e de texto” (GADAMER, 1996, p.189). Compreender um texto significa então afirmar que “a contraposição entre *spiritus* e *littera* fica suspensa” adquirindo-se “uma certa familiaridade com o que tem sentido” (*Ibidem*, p. 192 e 194). Encontramo-nos no texto seja por nossa identificação, seja pelo estranhamento diante dele.

Os textos literário-filosóficos, como é o caso de “O Espelho”, são, em verdade, intervenções, em um diálogo sobre o existir humano, que continua até o infinito. A bela sentença de Heráclito sobre a alma humana atesta, desde os tempos de antanho, a longa história desse diálogo: “nunca poderás encontrar os limites da alma, por mais que percorras os seus caminhos, tão profundo é o seu *lógos*”. F. Pessoa retratou isso perguntando: “conhece alguém as fronteiras de sua alma como para poder dizer sou eu?”. Infelizmente, a filosofia, frequentemente confundida com historiografia e desatenta à instauração de uma linguagem que deveria espelhar as idiosincrasias da alma humana, esqueceu-se de “ajudar-nos nos processos de reflexão de nosso próprio perguntar para além dos dados” (*Ibidem*, p. 200).

Na atitude científica, a interpretação consiste em decifrar a pergunta e satisfazer-se com a resposta escrita. Contudo, podemos dizer que, do ponto de vista literário-filosófico, a “dialética da pergunta e da resposta consiste em que, na verdade, cada pergunta volta a ser ela mesma uma resposta que motiva uma nova pergunta (*Ibidem*, p.187). Por isso a pergunta ‘você chegou a existir?’, pede nossa resposta. A postura hermenêutica é dialógica porque não apenas analisa e examina o texto, seu contexto e sua estrutura, mas tratando-o de certo modo como um tu, procura ouvir e atender aos seus ‘fenômenos sutis’ ou ao ‘supra-senso’ como nos convoca o conto: “o senhor, por exemplo, que sabe e estuda, suponho nem tenha idéia do que seja na verdade-um espelho? Demais, decerto, das noções de física, com que se familiarizou, as leis da ótica. Reporto-me ao **transcendente**. Tudo, aliás, é a ponta de um **mistério**” [grifos nossos]. A postura hermenêutica para com o texto é possibilitada pela remissão ao inesgotável, ao não-dito, ao enigma. Infelizmente, temos ouvidos que não ouvem e, como nos lembra o estagirita, tendo ‘olhos de morcego’, não percebemos as pontas do mistério presentes em nossas vidas. Um bom texto é aquele que contém e abre espaço ao mistério e que, justamente por isso, sempre suscita perguntas que nos levam a avaliar nossas vidas. Mas, para tanto, precisamos ‘olhar’ o mundo como Tirésias, isto é, com os ouvidos, mais com atenção que com intenção. A atenção “indica uma presença do sujeito ao mundo tal que saiba deter-se, admirado, respeitoso, hesitante, talvez perdido, tal que as coisas possam se dar lentamente a ver e não naufraguem na indiferença do olhar ordinário” (GAGNEBIN, 1999, p. 88).

Ao compreendermos o conjunto do conto pela pergunta ‘você chegou a existir?’ nos perguntamos por que é possível dialogar com ele? Pensamos

que, além de reportar ao transcendente e de possuir dois lados que instauram um terceiro lado, o espelho reflete nossa postura alternativa de viver ou narcisicamente ou autenticamente. O conto converte-se num *pharmakon* para nossa memória, porque nos conduz a olhar nossos olhares através dos inúmeros convites para entrar nele [assim como Alice entrou no espelho] e nos enredar em suas perguntas. O problema é que, em geral, “vivemos, de modo incorrigível, distraídos das coisas mais importantes”, e por isso Rosa nos adverte, “Não se esqueça, é de fenômenos sutis que estamos tratando”. Essa atenção ‘existencialista’, por assim dizer, implica olhar as máscaras que criamos para nos proteger, para sobreviver ou para obter poder. E embora o distanciamento temporal seja uma condição para constituição da nossa verdade, por outro lado, ele também “é o mágico de todas as traições... E os próprios olhos, de cada um de nós, padecem viciação de origem, defeitos com que cresceram e a que se afizeram, mais e mais?”. As incessantes perguntas do conto nos possibilitam o rompimento da rotina, do hábito, que não nos deixam refletir sobre nossa existência. Diante dos hábitos, para não sermos por eles governados, precisamos estar atentos; nas palavras de W. Benjamin (BENJAMIN, 1995, p. 247) “todo hábito deve ser estorvado pela atenção se não pretende paralisar o homem”.

Responder à pergunta ‘você chegou a existir?’ requer refletir, ou seja, olhar para os ‘vícios’ e as ‘pedras’ que atulham nossas almas sem temor, embora com tremor. Somente quem se perder [através do] no espelho poderá se reencontrar num nível melhor, pois, paradoxalmente, ‘só quem perder sua alma poderá reconquistá-la’. Assim, concordamos com as palavras de Proust para quem “a arte de viver consiste em nos sabermos servir de quem nos atormenta como degraus de acesso à sua forma divina, povoando assim diariamente de deuses a nossa vida” (PROUST, 1990, p. 174-175).

O texto de Rosa pede insistentemente ao leitor que se espelhe e se leia nele. A escritura roseana é hermenêutica à medida que leva o leitor a perguntar sobre si mesmo, a se compreender e reprojeter sua existência. Ricoeur conferiu à hermenêutica a tarefa de “religar a linguagem simbólica à compreensão de si” em que as distâncias voltam a se aproximar e a se ligar. Ao lermos um texto literário-filosófico não fazemos senão nos religar ao que somos ou que desejamos ser, efetivamente; de modo que “toda a hermenêutica é assim, explícita ou implicitamente, compreensão de si mesmo através do desvio da compreensão do outro” (RICOEUR, 1988, p. 18). Assim, mediadamente, compreendemos nosso existir como uma viagem, uma

travessia, que não pára nas margens nem do *a priori* nem do *a posteriori*, nem da arqueologia nem da teleologia. Como as pontes que ligam as margens dos rios, criamos as palavras que entrelaçam – semelhante à tarefa de Hermes – a margem da nossa facticidade com a margem dos nossos sonhos e desejos. E nada melhor que nos olharmos nos espelhos que não nos mentem. Ora, filosofar significa assim, realizar, incansavelmente, “uma leitura do sentido escondido no texto do sentido aparente”, isto é, “mostrar que a existência só se oferece à palavra, ao sentido e à reflexão, procedendo a uma exegese contínua de todas as significações que vêm à luz no mundo da cultura...” (*Ibidem*, p. 24). Tanto a filosofia quanto a literatura se enveredam na incansável tarefa de compreender quem somos e o que significa **existir**.

Epílogo...

Ao final deste itinerário perguntamos e respondemos como Rosa (1984, p. 119) “– *Dito completo?* – Falta muito. Falta quase tudo”. Falta quase tudo, seja porque “... o essencial não se ajusta inteiramente às palavras”, pois “a gente pode empregar e fabricar muitas palavras, mas todas elas são apenas substantivos; fazem às vezes de nomes que não existem...” (MANN, 2000, p. 345). Falta quase tudo também porque nossa reflexão sobre o potencial filosófico da obra de Rosa e, mais especificamente sobre “O espelho”, se nos apresenta, agora, mais como um ponto de partida que de chegada. Ao nos espelharos agora no espelho roseano percebemos o quanto ficou e ‘fica sempre de não-dito quanto se diz algo’. Em todo o caso, encetamos esta viagem especular assentindo ao convite final do conto “Se me permite, espero, agora, sua opinião, mesma, do senhor, sobre tanto assunto. Solicito os reparos que se digne dar-me, a mim, servo do senhor, recente amigo, mas companheiro no amor da ciência, de seus transviados acertos e de seus esbarros titubeados. **Sim?**” **Sim**¹⁴.

¹⁴ ?Observemos o paralelismo que há com as últimas palavras do conto “A benfazeja” que também nos convidam a refletir e a meditar: “E, nunca se esqueçam, tomem na lembrança, narrem aos seus filhos, havidos ou vindouros, o que vocês viram com êsses seus olhos terríveis, e não souberam impedir, nem compreender, nem agraciar. De como, quando ia a partir, ela avistou aquê um cachorro morto, abandonado e meio já podre, na ponta-da-rua, e pegou-o às costas, o foi levando-: se para livrar o logradouro e lugar de sua pestilência perigosa, se para piedade de dar-lhe cova em terra, se para com êle ter com quem ou quê se abraçar, na hora de sua grande morte solitária? Pensem, meditem nela, entanto”?

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, A. M. “Filosofia e literatura; o problema moral no ‘Grande Sertão: Veredas’”, in *Trans/form/ação*. Revista de filosofia, n. 1, 1974, p. 155-171.
- ARAUJO, H. V. de. *O espelho: contribuição ao estudo de Guimarães Rosa*. São Paulo: Mandarim, 1998.
- ARROYO, L. *A cultura popular em Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1984.
- BENJAMIN, W. “Experiência e pobreza” in BOLLE, Willi (Org.). *Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos*. São Paulo: Cultrix, 1986, p. 195-198.
- BENJAMIN, W. “O narrador” in *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril cultural, 1980 (col. Os Pensadores), p. 57-74.
- BENJAMIN, W. *Rua de mão única*. Obras escolhidas, v. II. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995.
- BOECHAT, M. C. “Guimarães Rosa e Machado de Assis: um encontro na espelharía” in DUARTE, L. P. (org.). *Veredas de Rosa*. Belo Horizonte: PUC Minas, CESPUC, 2000, p. 419-433.
- BUCK, G. “The Structure of Hermeneutic Experience and the Problem of Tradition”, *New Literary History*, v. 10, 1 (Autumn 1978): 31-47.
- CARROL, L. *Alice: edição comentada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- DOSTOIEVSKI, F. *Memórias do subsolo e outros escritos*. São Paulo: Paulicéia, 1992.
- GADAMER, H. G. “Das Erbe Hegels”, in: Grondin, J., *Lesebuch*. Tübingen: Mohr, 1997, p. 236-256.
- GADAMER, H.G. *Verdade e Método*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- GADAMER, H-G. “Filosofia e literatura”, in GADAMER, H-G., *Estética y hermenêutica*. Madrid: Editorial Tecnos, 1996, p. 183-201.
- GAGNEBIN, J. M. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.
- GARCIA, C. F. “A construção irônica de ‘O Espelho’ e ‘Desenredo’” in DUARTE, L. P. (org.) *Veredas de Rosa*. Belo Horizonte: PUC Minas, CESPUC, 2000, p. 128-131.

- LEITÃO, C. C. “O Espelho, o amor e o olhar” in DUARTE, L. P. (org.) *Veredas de Rosa*. Belo Horizonte: PUC Minas, CESPUC, 2000, p. 149-152.
- LORENZ, G. “Diálogo com Guimarães Rosa”, in COUTINHO, E. F. (org.) *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira; [Brasília]: INL, 1983. (Coleção Fortuna Crítica; v. 6), p. 62-97.
- MANN, T. *Doutor Fausto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- MARQUARD, O. *Abschied vom Prinzipiellen*. Stuttgart: Reclam, 1995.
- MELLO, A. M. L. de. “As faces do duplo na literatura”, in INDURSKY, F e CAMPOS, M. do C., *Discurso, Memória, Identidade*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000, p. 111-123.
- NETTO, A. B. “Um olhar enveredado pelos labirintos especulares de Guimarães Rosa”, in DUARTE, L. P. (org.) *Veredas de Rosa*. Belo Horizonte: PUC Minas, CESPUC, 2000, p. 23-27.
- PROUST, M. *O tempo redescoberto*. 10ª ed. São Paulo: Globo, 1990.
- PUCCIARELLI, E. “Filosofia y literatura”, in *Convivium*, ano XV, 1976, v. 19, n. 1, p. 35-40.
- RICOEUR, P. *Leituras 2 – A região dos filósofos*. São Paulo: Loyola, 1996.
- RICOEUR, P. *O conflito das interpretações – ensaios de hermenêutica*. Porto-Portugal: RÊS-Editora, 1988.
- ROSA, J. G. “O espelho”, in *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1972.
- ROSA, J. R. *Cara-de-Bronze* in ROSA, J. G., *No Urubuquaquá, no Pinhém*. 7ª ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- SCHÜLER, D. “Quem sou eu?” in INDURSKY, F e CAMPOS, M. do C., (org.) *Discurso, Memória, Identidade*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000, p. 56-61.
- SPERBER, S. F. *Caos e Cosmos: leituras de Guimarães Rosa*. São Paulo: Duas cidades, 1976.
- TEICHERT, D. *Erfahrung, Erinnerung, Erkenntnis: Untersuchungen zum Wahrheitsbegriff der Hermeneutik Gadamers*. Stuttgart: Metzler, 1991.

Recebido em 26 de novembro de 2007

Aceito em 27 de fevereiro de 2008